

## Notícias do Brasil em castelhano

*News from Brazil in Spanish*

Jéssika de Souza Cabral

 <https://orcid.org/0000-0002-3377-9343>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Resumo:** Os homens de governo do Caribe e do Brasil no século XVII, compartilhavam a mesma preocupação: os holandeses. Muito se fala sobre as invasões neerlandesas no nordeste de uma perspectiva fechada nas fronteiras nacionais, esquecendo-se de que a América espanhola também foi impactada pelo mesmo evento. A nossa intenção, portanto, é apresentar a integração desses espaços através da circulação de pessoas e informações à luz da História Conectada. No primeiro momento, mostramos como os acontecimentos no Brasil orientaram e repercutiram nas discussões dos *cabildos*. No segundo, apontamos como o Brasil se tornou parte das preocupações das autoridades coloniais, principalmente após o ataque a Pernambuco, quando converteu-se em uma importante base dos corsários para o planejamento de eventuais ataques no Atlântico. Por fim, apresentamos a circulação direta dos dissidentes da guerra em Pernambuco, arribados na cidade de Cartagena das Índias – Nova Granada, em 1640, oriundos da Armada do Conde da Torre. Para esta tarefa, utilizamos como fontes os despachos de autoridades da administração colonial comparando as informações com aquelas produzidas por particulares, a fim de realizar uma leitura crítica dos documentos, inserindo-os em seu contexto de produção e sem perder de vista suas funções.

**Palavras-chave:** História da América Colonial. Invasão da Bahia. Guerra de Pernambuco. História Conectada.

**Abstract:** The government men of the Caribbean and Brazil in the 17th century shared the same concern: the Dutch. Much is said about the Dutch invasions in the northeast from a perspective close to national borders, forgetting that Spanish America was also impacted by the same event. Our intention, therefore, is to present the integration of these spaces through the circulation of people and information in the light of Connected History. Firstly, we show how events in Brazil guided and had an impact on the council's discussions. In the second, we point out how Brazil became part of the concerns of the colonial authorities, especially after the attack on Pernambuco, when it became an important base for privateers for planning possible attacks in the Atlantic. Finally, we present the direct circulation of dissidents of the war in Pernambuco, settled in the city of Cartagena das Indias – Nova Granada, in 1640, coming from the Conde da Torre's Armada. For this task, we used as sources the despachos from colonial administration authorities, comparing the information with that produced by private individuals, in order to carry out a critical reading of the documents, inserting them in their production context and without losing sight of their functions.

**Keywords:** History of Colonial America. Invasion of Bahia. Pernambuco War. Connected History.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

## Introdução

O leitor observará neste trabalho a descrição de batalhas com precisão do dia, mês e ano, além do quantitativo de soldados, armamentos e outros pormenores que à primeira vista podem soar como uma metodologia à moda Rankeana. No entanto, alguns destes dados foram importantes para compreendermos o tipo de documento que tínhamos em mãos. Os eventos ocorridos no Brasil envolviam muitos interesses políticos e econômicos em disputa na rivalidade colonial.

Os informes de guerra eram usados como instrumentos de propaganda pelos envolvidos nessa trama geopolítica complexa. Desse modo, os números poderiam expressar o poder, a invencibilidade confirmada pela providência divina que guiaria os justos em uma luta contra os infiéis. Quando as narrativas insistem em números desfavoráveis de homens, descrevendo as baixas por doenças ou as tempestades do mar, há dois cenários que pretendem desenhar: O primeiro, em caso de uma vitória, reforçaria um discurso de predestinação divina, de honra e persistência em nome do seu rei, apesar de toda adversidade, o que confirmaria o favor de Deus para com a causa. O segundo, no caso da derrota, seria por um castigo também divino provocado pelos desvios na fé.

Um outro exemplo do uso dos números está no inventário feito por Dom Fradique de Toledo, durante a retomada de Salvador em 1625, onde supostamente listou toda a dívida dos holandeses. Observamos que o elevado número de pessoas escravizadas, artilharia, mantimentos e até dinheiro tinha como finalidade mostrar que os Países Baixos sofreram um dano significativo no seu intento expansionista, para servir de exemplo e desencorajar novas tentativas.

As relações verdadeiras de sucesso se esforçaram para construir a imagem de que a expulsão dos holandeses deveria ser abraçada tanto por colonos das praças da América espanhola quanto portuguesa, com argumento de que este era um problema comum a ambos, buscamos apontar essa proposta de união nas Índias a partir dos informes do *Cabildo* de Cartagena das Índias e o financiamento oferecido pelo Vice-rei de Nova Espanha à derrota da frota do Conde da Torre em 1640.

Do lado dos holandeses o discurso a favor de Portugal oscilava entre apoio e rivalidade. Em dados momentos se colocam do mesmo lado em que os portugueses e luso-brasileiros todos sob o suposto julgo, tirania e ganância dos Habsburgos. No entanto, a consistência destes discursos desmorona se pensarmos nos eventos ocorridos no Atlântico como um todo. Em 1641, enquanto neerlandeses e portugueses negociavam um acordo de paz, a guerra era mantida em Pernambuco. Já em 1648, quando negociações tinham sido concluídas, os portugueses lutavam contra a Companhia das Índias Ocidentais para recuperar suas possessões na costa africana (GROESEN, 2017).

Por fim, uma outra característica desses documentos além de datas e números são as citações de grandes figuras militares. Do lado holandês tentou-se criar o sentimento do patriotismo através da exaltação das figuras como Jacob Willekens, Piet Heyn e Johan Van Dorth. Do mesmo modo, a união de armas ibéricas exaltou Dom Fradique de Toledo, Dom Antônio de Oquendo e João Rodrigues de Vasconcelos (Segundo Conde de Castelo Melhor), só para citarmos os exemplos que serão abordados aqui.

Não se trata de realizar um culto aos heróis, mas sim observar a circulação dos atores sociais entre as diversas fronteiras imperiais. Escolhemos abordar a história pitoresca de Castelo Melhor porque encontramos nela aspectos interessantes do contexto da Idade Moderna. Em primeiro lugar revela o impacto do levante português na vida dos súditos, este personagem inclusive, por infelicidade ou acaso, se encontrava nas Índias de Castela durante

o desenrolar dos tumultos na Península, exposto assim a hostilidade contra todo aquele que fosse de origem portuguesa. O segundo aspecto é a mobilidade dos agentes, uma vez que o seu percurso pelos portos da Bahia, Pernambuco e Cartagena revela o fluxo de pessoas, objetos e informações por estes espaços coloniais.

Por fim, escolhemos não traduzir os trechos em espanhol para que não houvesse prejuízo de sentido, os mantivemos tal como identificados no trabalho de paleografia. Para as fontes transcritas aplicamos a mesma regra. Já o emprego abrangente dos termos “Holanda”, “República Neerlandesa”, “Países Baixos” e “Províncias Unidas”, tomei de empréstimo a explicação da autora Mariana Françoso, quando os considerou sinônimos utilizados para facilitar o entendimento do leitor, isto é: referem-se às Sete Províncias da então República Neerlandesa e seus habitantes de modo geral (FRANÇOSO, 2014, p. 43). O mesmo aconteceu com o vocábulo “nordeste do Brasil” e “nordeste brasileiro” que foram utilizados no sentido atual designar a província de Pernambuco e a capital do Estado do Brasil no século XVII, a Bahia.

### **Abordagem teórica**

A Idade Moderna é marcada pela interação entre as esferas: local, regional, supralocal e global. Os fenômenos em escala global ganham sentidos e significados próprios em cada uma dessas esferas. Além disso, dentro de cada esfera há grupos e subgrupos que atribuem significados variados a um mesmo evento (SUBRAHMANYAM, 2013, p. 221). Sendo assim, abordagem da História Conectada, que se define por eventos que extrapolam suas fronteiras e ganham expressões em diferentes lugares, nos pareceu apropriada (SUBRAHMANYAM, 1997).

O curso neerlandês pode ser considerado um fenômeno global, uma vez que seu raio de ação se estendeu do Atlântico ao Índico, contudo os impactos foram diferentes em cada região e grupo social. Não há dúvida que a conquista de Pernambuco afetou consideravelmente os senhores e os lavradores da cana, que precisaram reconstruir a estrutura produtiva danificada pelos ataques e batalhas travadas em seu próprio espaço. A população de modo geral foi obrigada a conviver em um contexto de violência, insegurança e carestia de víveres. Enquanto para um morador de Cartagena das Índias ou Cuba, o curso representava a formação de *juntas* e a obrigação de arrecadar mais recursos para a conclusão das obras de fortificação das cidades. Para manter os exemplos no campo fiscal, destacamos o impacto nas contas do vice-rei de Nova Espanha que tinha a incumbência de cobrir o desfalque dos demais *presídios* do Caribe quando eles não alcançavam a cota mínima definida para a proteção do território, portanto o curso neerlandês significava ainda mais incremento sob as taxas existentes e a pressão para criação de novos tributos (SANTIRÓ e CARRARA, 2012, p. 39).

No que diz respeito aos grupos impactados por esse fenômeno, destacamos os cristãos novos, porque em várias partes da América Espanhola foram perseguidos e considerados culpados por entregar informações aos invasores. Em Cartagena das Índias, por exemplo, pelo menos quatro interrogados pelo Tribunal da Inquisição disseram, ou foram obrigados sob tormento a dizer, que tinham algum envolvimento com a WIC (SPLENDIANI, 1997). Em Salvador, quando Dom Fradique de Toledo liberou os invasores neerlandeses, negou a saída apenas de um grupo de supostos judeus considerados perigosos demais para deixarem o cárcere.

O curso e a guerra afetaram ainda o grupo dos negreiros que ficaram sem transporte para seu comércio desumano, provocando o efeito cascata na década de 1620, porque sem

o transporte as licenças não eram vendidas, sem as licenças eram reduzidos o número de escravos desembarcados nos portos hispano-americanos, o que significava a falta de mão de obra para as principais atividades. Em última consequência, implicava diretamente na queda de uma importante fonte de ingresso dos Habsburgos (VILAR, 1977, p. 22). Dentre os grupos urbanos de Amsterdam, o emprego de mão de obra escravizada simbolizava o desvio do propósito de construir uma base calvinista no Atlântico sul (GROESEN, 2017). Se para o grupo dos produtores nos trópicos, o fenômeno global da escravidão, transversal a todos os envolvidos nessa guerra, era responsável por movimentar a economia, para um formador de opinião, editor ou pintor nos Países Baixos, era o princípio da decadência do projeto colonizador.

Em suma, tentamos ampliar o nosso campo de visão, fugindo de uma “história autocentrada”, buscando os “fios” que conectavam os espaços do nordeste do Brasil e o Caribe Espanhol, para usar a metáfora de Sanjay Subrahmanyam (SUBRAHMANYAM, 2013). A fim de superar a abordagem nacionalista, conforme observado na analogia do historiador como eletricitista de Serge Gruzinski:

[...] o historiador tem de converter-se em uma espécie de eletricitista encarregado de restabelecer as conexões internacionais e intercontinentais que as historiografias nacionais desligaram ou esconderam, bloqueando as suas respectivas fronteiras. As que dividem Portugal da Espanha são típicas: várias gerações de historiadores escavaram entre os dois países fossos tão profundos, que hoje em dia é preciso muito esforço para entender a história comum a estes dois países e impérios (GRUZINSKI, 2001, p. 176)

### **Circulação de notícias, pessoas e objetos dos trópicos na Holanda**

Desde princípios do século XVI os neerlandeses mantinham interesse pelos acontecimentos do Novo Mundo. Pelo menos desde 1580 já havia circulação de traduções de obras publicadas na Península Ibérica sobre os avanços do conhecimento náutico. A oportunidade de colocar o conhecimento acumulado em prática no Atlântico, se concretizou com a expansão da indústria naval nos Países Baixos, pois foi através do transporte das cargas que os neerlandeses se inseriram nas atividades comerciais importantes da Idade Moderna (FRANÇOZO, 2014). Em 1620 já tinham estabelecido sua participação nos principais circuitos do comércio da América Espanhola e Portuguesa. Inseriram-se nas regiões produtoras de prata, no Caribe tinham interesse por produtos como o tabaco, algodão e madeiras, e com o fim da União das Coroas foram responsáveis pelo abastecimento de mão de obra escravizada nos principais portos das Índias de Castela (VILAR, 1977). Enquanto isso, na América portuguesa tinham se tornado os principais refinadores e distribuidores do açúcar, distribuíram ainda o pau-brasil por toda Europa.

A carga e descarga de mercadorias permitiu que estes “viajantes-pesquisadores” levantassem informações relevantes sobre cada porto, permitiu ainda ampliar o contato com as populações originárias e obter tradutores e informantes. Não tardou para que as elites dirigentes holandesas, predominantemente urbanas, engendrassem seus planos expansionistas no além-mar. Em 1621 foi criada a famosa Companhia das Índias Ocidentais – WIC, a fim de organizar o comércio de longa distância, até então descentralizado em grupos privados. A princípio estava nos planos da Companhia transferir a guerra travada contra os Habsburgos para as Índias Ocidentais, enfraquecendo assim a ofensiva e abrindo uma nova frente de combate para o então poderoso Império (FRANÇOZO, 2014).

Os Países Baixos sabiam, pelo menos desde o fim da trégua com os Habsburgos, da importância de ter um inimigo externo para apaziguar os ânimos na sociedade. Não à toa destinaram demasiada curiosidade às notícias do Brasil (GROESEN, 2017). É claro que a divulgação das novidades precisava de meios para se concretizar, e os neerlandeses reuniam as condições ideais. O mercado editorial estava em franca expansão com maquinário e pensadores livres que gozavam de autonomia criativa e religiosa. Segundo Mariana de Campos Françoso, as cidades de Antuérpia, Amsterdam e Leiden, passaram por uma verdadeira revolução editorial no século XVII, foram as portas de entrada da informação para muitas partes do Velho Mundo, chegando até mesmo a publicar em outros idiomas como Inglês e Francês. Um outro aspecto essencial era a alfabetização, sendo os neerlandeses detentores dos maiores índices da Europa para este período, isto é, tinham um público leitor que mantinha o hábito de leituras individuais e coletivas (FRANÇOZO, 2014). Ademais, conforme argumentou Michael Van Groesen, fazia parte da cultura política dos Países Baixos a participação popular na vida pública.

Com todas essas condições e estrutura, a cobertura midiática da invasão de Salvador em 1624 tinha tudo para construir a narrativa de “Eldorado” para a opinião da população urbana. A própria WIC tinha seus editores e cartógrafos, e de certa forma, tentavam controlar as informações, porque temiam que as ações da empresa caíssem.

As notícias circularam em forma de boletins, relatos, panfletos, canções e até poemas. O destaque foram os mapas de notícia, que combinavam imagem e texto, e na casa de muitos cosmopolitas ganharam um espaço na parede para serem exibidos às visitas (GROESEN, 2017). Contudo, a euforia deu lugar ao silêncio quando foi noticiado o nome de Dom Fradique de Toledo, souberam assim da retomada da Bahia em 1625. Se em Amsterdam as prensas se calaram, do lado Ibérico estavam em plena euforia. Era a vez da Espanha demonstrar seu poderio e inflar o patriotismo dos seus súditos com os gêneros literários propagandistas, dentre eles estavam as “Relações Verdadeiras de Sucesso”. Ambos os lados tinham em comum a imprensa como ferramenta de guerra, além dos livreiros, dos seus pensadores e formadores de opinião, editores e artistas em geral.

Já em 1630, com a conquista de Pernambuco, a empolgação das notícias foi moderada, chegando com um atraso de dois meses. A WIC já não tinha como controlar o que se sabia a respeito da guerra, visto que a essa altura tanto a experiência dos soldados que regressaram à Holanda quanto as correspondências particulares, poderiam servir de contraponto às narrativas vigentes. Além disso, toda sociedade conhecia alguém que enfrentou o que Groesen chamou de “guerra tropical” (GROESEN, 2017). Mais adiante usaremos como exemplo de circulação privada das notícias do Atlântico uma carta escrita por Francisco Rodríguez Bustamante, testemunha do conflito em Salvador, a um amigo.

Contudo, o Brasil holandês de 1637-1644 foi motivo de muitas matérias e burburinho. Foi o período do governo de João Maurício de Nassau-Siegen, onde expandiram os domínios de ponta a ponta no Atlântico. Os mapas de notícia deixaram em segundo plano os assuntos da guerra para se concentrarem nos temas expansionistas como a Conquista da Paraíba e o cultivo da cana-de-açúcar. A imprensa anunciou ainda a tomada de Porto Calvo, seguida de Sergipe e logo após Ceará (GROESEN, 2017).

Sob o comando do almirante da WIC Cornelis Jol, a quem as fontes consultadas nesta pesquisa apelidaram de “Pie de Palo”, os neerlandeses conquistaram Benguela, São Tomé e Luanda em 1641. O mesmo corsário já era uma figura conhecida nas cidades Caribenhas pelas incursões, ataques a embarcações, sabotagens e sequestros de colonos, conforme observamos adiante.

O ápice das pretensões territoriais noticiadas pela imprensa foi a derrota do Conde da

Torre em 1640, na costa de Pernambuco (GROESEN, 2017). Como veremos adiante, a versão Ibérica do episódio da união das armadas que foram as bandas do Brasil para expulsar os Holandeses de Pernambuco, foi descrito como uma batalha honrosa, porém os soldados teriam enfrentado toda sorte de adversidades.

Em 1645 já havia rumores e questionamentos por parte da população em Amsterdam sobre o motivo que teria levado o Brasil-Holandês a dar errado. Com a “Guerra da libertação divina”, cujo fracasso resultou nos neerlandeses encurralados em Recife, as derrotas de 1648-49, principalmente a batalha dos Guararapes, não faltaram vozes que condenaram a condução dos negócios da WIC, acusando os diretores de corrupção. Falava-se ainda do desvio de conduta do governo nos trópicos. Aquele território deveria ser consagrado ao protestantismo, a doutrina calvinista, no entanto tolerava os costumes libertinos e convivia com as práticas religiosas das etnias locais. Desse modo, para fins da década de 1650, a imprensa holandesa tinha perdido seu interesse nas notícias do Brasil (GROESEN, 2017).

### **A invasão de Salvador 1625: as narrativas de guerra e a repercussão**

Em 14 de janeiro do ano de 1625 saíram 31 navios e três *tartanas* do porto de Cádiz, transportando cerca de 7.500 homens, dois terços de nação espanhola e um terço italiana, com destino a Baía de Todos os Santos. Esse pequeno exército tinha como alvo a libertação de Salvador das mãos dos inimigos holandeses. Pela quantidade de documentos produzidos em Sevilha, depois do êxito na batalha, tudo indica que havia um grande interesse sobre os acontecimentos no Brasil, em especial, os rumos que tomariam aquela praça com o término do sítio dos invasores.

No século XVII, as “Relações Verdadeiras dos Sucessos” tornaram-se gêneros literários com cópias impressas em escala considerável para saciar a curiosidade do público leitor. Sua função, na maioria das vezes, era enaltecer os feitos dos generais, capitães e heróis das batalhas para construção de um imaginário comum a todos os súditos da monarquia católica. Se tomadas com prudência, isto é, reconhecendo seu teor propagandista, podemos conhecer um pouco a respeito dos eventos ocorridos em Salvador.<sup>1</sup> Destacamos por hora que a própria existência desse gênero literário em castelhano já indicaria a importância do tema do Brasil no cenário geopolítico no século XVII.

No entanto, devemos tomar certos cuidados ao trabalharmos com fontes de caráter apologético, o primeiro é não buscar a autenticidade dos números registrados, o segundo é termos um objetivo bem definido, para não cairmos nas armadilhas da historiografia positivista, exaltando os grandes feitos dos heróis e narrativas de batalhas. Nos interessa mais a repercussão, circulação e o impacto das notícias sobre os ataques no Brasil, tanto no Caribe quanto na Península, do que verificar se de fato, embarcaram os 7.500 homens rumo à Bahia. É mais importante observar o fluxo de informação entre o nordeste do Brasil e a América Espanhola do que saber se tinham realmente 1.990 homens da infantaria holandesa encurralados no momento da retomada de Salvador, só para citar alguns exemplos.

De todo modo, as narrativas que utilizamos nesta pesquisa sobre a vitória das armas na Bahia apresentam a mesma sequência de eventos, embora umas mais detalhadas que outras, conforme apresentaremos. Em 14 de janeiro de 1625, Dom Fradique de Toledo

---

<sup>1</sup>As relações usadas neste trabalho foram: Archivo Histórico Nacional - AHN, Diversos-colecciones, 26, n.43, 1625, Relación del suceso de la armada y ejército en Brasil (PARES); AHN, Diversos-colecciones, 26, n. 42, 1625, Relación del viaje y suceso de la armada en Brasil (PARES); AHN, Diversos-colecciones, 25, n. 40, 1625, Relación de la jornada del Brasil escrita a Juan de Castro (PARES); AHN, diversos-colecciones, 44, n.87, s.XVII, Sucesos de la armada y ejército que socorrió a Brasil (PARES).

Osório<sup>2</sup>, o marquês de "Villanueva de Baldueça"<sup>3</sup>, Capitão Geral da Real Armada y ejército del mar e oceano do reino de Portugal, embarcou com Don Juan Fchado de Guevara, cavaleiro da ordem Calatrava do Conselho de Guerra do rei, Capitão da Real Armada do Estrecho e Don Manuel de Meneses Capitão Geral de Portugal, com destino a Bahia. Aos 14 dias de viagem pararam nas Ilhas Canárias (28 de janeiro 1625), de onde Don Fradique escreveu a primeira carta ao rei. Em 10 de fevereiro estavam nas Ilhas de Cabo Verde, onde foram recebidos por uma armada portuguesa, composta de outros 22 navios com 4.000 homens, que os esperavam para seguir viagem.<sup>4</sup> Em 21 de março chegaram à Baía de Todos os Santos, mas aguardaram a oportunidade para o desembarque<sup>5</sup>, oito dias depois. Enquanto aguardavam, aproveitaram para observar as embarcações atracadas no porto e a condição das fortificações inimigas na cidade.

Deram conta de duas, as fortificações em San Benito e o quartel do Carmen. Constataram que a segunda era a mais difícil, não só pela artilharia pesada em bronze, como também pelo número superior de apetrechos, calculava-se que para cada peça dos aliados havia três holandesas instaladas naquele lugar.<sup>6</sup> Ao fim da espera, desembarcaram na praia junto ao Castillo de San Antonio na banda leste da cidade, na "punta de Tapoan", a estratégia consistia em manter parte dos soldados na água, evitando assim qualquer tentativa de fuga.

As narrativas ressaltam o elevado número de dissidências entre os soldados inimigos, atribuindo o motivo às múltiplas origens destes homens, cuja tropa teria sido supostamente formada sob coação das Províncias Rebeldes, chamados, portanto, de "holandeses da França, Inglaterra e Alemanha". Desse modo, a diversidade teria provocado a rebelião contra os seus generais. No entanto, a tropa Ibérica também era multiétnica e enfrentou desafios justamente pela desconfiança e rivalidades entre portugueses e castelhanos, conforme observamos no episódio do levante dos portugueses e luso-portugueses no presídio de Cartagena das Índias, após a derrota em Pernambuco. Seja como for, na narrativa das relações verdadeiras, os espanhóis e portugueses teriam aguardado o resultado dos motins internos para planejarem seu ataque.

Em 2 de abril, os holandeses que estavam escondidos em S. Bento, saíram e atacaram à noite, causando a perda de cerca de 50 homens.<sup>7</sup> Após cinco dias, passaram fogo em dois navios, neste momento a ofensiva de reconquista perdeu o ânimo, as tropas ibéricas chegaram a cogitar que o cerco duraria um ano. Porém naquele mesmo mês, os soldados de Dom Fradique instalaram mais de 15 "baterias" em pontos estratégicos para trocar fogo com os invasores. E finalmente, em 26 de abril viu-se uma bandeira branca que marcava o início do processo de negociações.

As relações informaram que de dentro da trincheira saíram de 1.990 soldados,

---

20 nome é escrito de formas variadas nas Relações: encontramos Fradique e Fadrique.

3Trata-se do primeiro Marquês de Valdueza.

4Essa armada teria saído de Lisboa a 19 de novembro de 1624 com ordens de esperar naquele porto a armada da Espanha. AHN, Diversos- colecciones, 26, n. 42, 1625, Relación del viaje y suceso de la armada en Brasil (PARES).

5As versões das Relações divergem quanto a data de chegada, em uma delas a data é 21 de março e em outra 27 de março 1625. Respectivamente: AHN, Diversos- colecciones, 26, n. 42 e 43, 1625, Relación del viaje y suceso de la armada en Brasil (PARES). A versão de chegada em 27 de março acrescenta outro itinerário da viagem, uma parada na costa da Guiné.

6 Este documento é composto por duas versões das "Relações dos sucessos", talvez por erro de catalogação foram digitalizados e agrupados com um único código AHN, Diversos-colecciones, 26, n.43, 1625, Relación del suceso de la armada y ejército en Brasil (PARES).

7 Em uma das versões saíram cerca de 400 homens de S. Bento para o ataque surpresa.

considerados gente muito preparada.<sup>8</sup> Não mencionaram as vítimas do confronto, não quantificaram o número de inimigos mortos nessa batalha, tampouco o número dos negros que atuaram como aliados dos holandeses, o mesmo se deu com os naturais da terra que tinham sido cooptados para a causa.<sup>9</sup>

Os principais líderes dos rebeldes renderam-se, eram estes: Guillermo Estolfa, Hugo Antonio e Francisco Quesneque.<sup>10</sup> As condições da trégua, as *capitulações*, foram negociadas por Dom Fradique de Toledo que assumiu o comando da praça em 30 de abril daquele mesmo ano. Fizeram o inventário de tudo aquilo que os holandeses tinham deixado, cerca de 179 peças de artilharia muito boas, algumas inclusive em bronze, além 56 aprendidas nas 21 embarcações entre naus e navios atracados no porto.

As 12 *capitulações* foram firmadas a primeiro de maio, garantindo aos holandeses a saída de Salvador em segurança com todos os seus pertences, roupas e objetos pessoais que deveriam ser acondicionados em uma única mochila. Receberam ainda um passaporte e mantimentos suficientes para navegarem em *direitura* à Holanda. As armas só seriam entregues aos capitães no momento da partida para proteção durante o trajeto. Essas medidas mostram o temor das autoridades de que os dissidentes invadissem ou se instalassem em alguma praça quando saíssem da Bahia. Na mesma ocasião, foi feito um inventário dos bens saqueados cuja obrigação dos inimigos era restituí-los à Coroa, conforme a *tabela 1*.

---

<sup>8</sup> Em primeira análise deram conta de que o inimigo estava em 2.200 homens no total. AHN, Diversos- colecciones, 26, n. 42, 1625, Relación del viaje y suceso de la armada en Brasil (PARES).

<sup>9</sup> Também não há consenso quanto a esses números, uma das versões dá conta de que entre mortos e feridos eram 150 espanhóis. Em outra, há 144 feridos e 124 mortos.

<sup>10</sup> Estes são os nomes citados tal como no documento, não tivemos a intenção de realizar uma pesquisa prosopográfica.



Volume dos itens	Tipo de unidade	Item
300000	ducados	Dinheiro e prata labrada
3000000000		Mercaderías
800		Cosoletes <sup>12</sup>
6000	fanegas <sup>13</sup>	Harina
Infinitas		Balas
3000		Mosquetes <sup>14</sup>
300	peças	Artilleria
800		Silas de cavalo
800	peessoas	Negros
50000		Vacas
2000	pipas	Vino
2000	peessoas	Olandeses y de otras naciones
Gran suma		Especiarias

**Tabela 1:** Relação dos bens saqueados pelos holandeses na Bahia em 1625.<sup>11</sup>

É possível encontrar a repercussão desses mesmos acontecimentos em documentos privados, a carta de Francisco Rodríguez Bustamante ao seu amigo Gabriel de Rubalcaba, em oito de maio de 1625, onde dava conta do percurso e a matança que se tinha feito no Brasil.<sup>15</sup> Bustamante relatou que quinze dias depois de saírem de Cádiz fizeram escala nas

11 AHN, Diversos- colecciones, 26, n. 42 e 43, 1625, Relación del viaje y suceso de la armada en Brasil (PARES).

12 “Coraza ligera, generalmente de cuero, que usaban ciertos soldados de infantería”, de acordo com Real Academia Española. Disponível em: <https://dle.rae.es/coselete>. Consulta em 03/jan 2023.

13 “Medida de capacidad para áridos que, según el marco de Castilla, tiene 12 celemines y equivale a 55,5 l, pero es muy variable según las diversas regiones de España” .<https://dle.rae.es/fanega?m=form> Consulta em 03/jan 2023.

14 “Arma de fuego antigua, mucho más larga y de mayor calibre que el fusil, que se disparaba apoyándola sobre una horquilla”.<https://dle.rae.es/mosquete?m=form> Consulta em 03/jan 2023.

15 Archivo Histórico de la Nobleza - AHN, Osuna, CT. 197, D.3, 1625, Carta de Francisco Rodríguez Bustamante, capitán de la escuadra de la Montaña, a Gabriel de Rubalcaba, informándole del transcurso del viaje que efectuó a Brasil, de los daños perpetrados por el enemigo, de la matanza de capellanes que tuvo lugar, y de otros acontecimientos surgidos en dicho país. (PARES).

Canárias, passando por Cabo Verde, mas antes de chegarem a Bahia a tripulação sofreu 15 dias de calma, apesar dessa intercorrência Bustamante considerou uma viagem tranquila, uma vez que não tiveram muitas mortes dentre os soldados e não enfrentaram nenhum temporal.

Ainda de acordo com Bustamante, aos 75 dias de viagem a armada entrou na Baía de Todos os Santos, rapidamente adotaram a estratégia de cercá-la em “media luna” para impedir a entrada e saída de qualquer embarcação. Na primeira ofensiva teriam sofrido uma baixa de 30 homens sem contar os outros 60 feridos. Para o autor da carta a culpa do insucesso era do mestre de campo Dom Pedro Osório que havia subestimado a força dos inimigos aquartelados no monastério de São Benito. E continuando a carta, fez uma breve relação das pessoas conhecidas por ambos que teriam perdido a vida na Bahia, dentre eles um tal “Morgado de Oliveira, un caballero portugues que dizem tenia 12U réis [12.000] y venia a ser governador dessa província.”<sup>16</sup> Na sua opinião, a praça teria se preparado muito bem para o eventual contra ataque, e descreve os pormenores da organização da defesa da cidade: estava dividida em cidade alta e baixa, sendo a primeira usada para as casas e vilas da marinha, onde guardavam as armas, enquanto a baixa abrigava a gente da guarda munida com espadas. Havia alimento suficiente para o cerco, com biscoitos e farinha da Espanha, além de 600 pipas de vinhos trazidas das Canárias. Desse modo, a rendição dos inimigos foi um ato milagroso na sua opinião, porque eram em grande número e estavam muito bem apetrechados, caso escolhessem lutar até a morte o estrago teria sido maior para as tropas da monarquia católica.

Ele relatou ainda uma verdadeira febre do ouro em Salvador depois da rendição dos neerlandeses. Corria um boato de que muitos tesouros da cidade foram saqueados, sendo o mosteiro de S. Bento o principal lugar. E que várias moedas tinham sido escondidas em buracos pela cidade, “antes de ontem”, tinham descoberto quatro arcas e dois baús embaixo da terra, contendo mais de 600 ducados em prata, acreditava-se que os inimigos tinham sob seu poder muito mais. Em contraponto ao “El dorado” narrado por Bustamante, a relação verdadeira informava apenas que as autoridades portuguesas apreenderam dois armazéns de *plomo*, um navio carregado de açúcar e outras embarcações com fardos de lenha, que faziam parte de um suposto plano dos holandeses para atear fogo em caso de uma ofensiva de reconquista.<sup>17</sup>

E encaminhando-se para o fim da carta, lembrou-se ele de dar notícias sobre um conhecido encontrado depois do cessar fogo: Don Francisco Sarmiento de Acuña y Sotomayor, apresentado como antigo criado do governador de Potosí. O dito teria fugido após a morte do Conde de Gondomar e sua esposa, porque não pagou os tributos ao rei, escolhendo Salvador onde não tinha credores, mas para seu azar o conflito quitou toda sua fazenda. Por fim, dava conta de um grupo com mais de 50 judeus presos na cidade, acusados de intermediar o comércio entre holandeses e os colonos no Brasil, e que alguns inclusive ofereceram muito dinheiro pela sua liberdade.

Esse tipo de notícia circulou rapidamente entre os círculos da administração colonial. Ainda em 19 de julho de 1624, o *Cabildo* secular de Cartagena das Índias, Nova Granada, enviou expediente ao Conselho de Santa Fé comentando o tema.<sup>18</sup>

---

16 *Ibidem*, verso da folha 1.

17 BNDigital: “Relação verdadeira dos sucessos do Conde de Castel Melhor, preso na cidade de Cartagena de Indias, & hoje livre, por particular mercê do Ceo, & fauor del Rey Dom João IV. nosso Senhor, na cidade de Lisboa” [Livro]. Lisboa [Portugal] : Offic. de Domingos Lopes Rosa, 1642.

18 Archivo General de Indias, Cabildos seculares: Audiencia de Santa Fe, 63, n.52, 1624. (PARES)

A esta ciudad bino nueva q en la baya de todos santos provincia del brasil a los 10 de mayo deste año llegó una gruesa armada olandesa de 35 bajeles y queda apoderado del puerto habiendo saqueado el lugar y como que era en menos de 20 días puede el enemigo passar a esta costa [...]”<sup>19</sup>

O funcionário chamava atenção para o estado daquela praça: pouca artilharia, falta de munição e as obras da muralha inacabadas. Em tom de apelo, explica que o descaso seria capaz de atrair os inimigos, poderia ser Cartagena das Índias o próximo alvo, visto que estavam dentre os portos mais importantes das Américas, sem contar que apenas vinte dias de viagem separavam essas cidades.<sup>20</sup>

### **O holandês no Caribe: Uma ameaça comum 1630-40**

Em 26 de novembro de 1635, a armada do general Don Lope de Hozes e Córdoba, enviada para o socorro do Brasil, enfrentava no mar, defronte para a cidade de Pernambuco, onze embarcações inimigas vindas da Bahia. Disse o general que havia quatro meses os holandeses se apossaram daquelas costas, confiando em seus 40 navios equipados, além das fortificações erguidas ao norte de Pernambuco. Contudo, naquele dia estavam os católicos predestinados a vitória independente das circunstâncias, porque as embarcações neerlandesas “por ser de tanto porte, no podía llegar a barloar, o a ponerse tan cerca [...]”<sup>21</sup>, foram obrigados a partir em retirada, alimentando assim a narrativa de sucesso da armada das duas coroas.

As décadas de 1630-40 foram de grande preocupação para os governadores e vice-reis das Índias (Nova Espanha e Peru) devido a ameaça do curso holandês, principalmente depois da conquista de Pernambuco, quando a cidade passou a ser usada como base de planejamento dos ataques no mar dos Caraíbas.

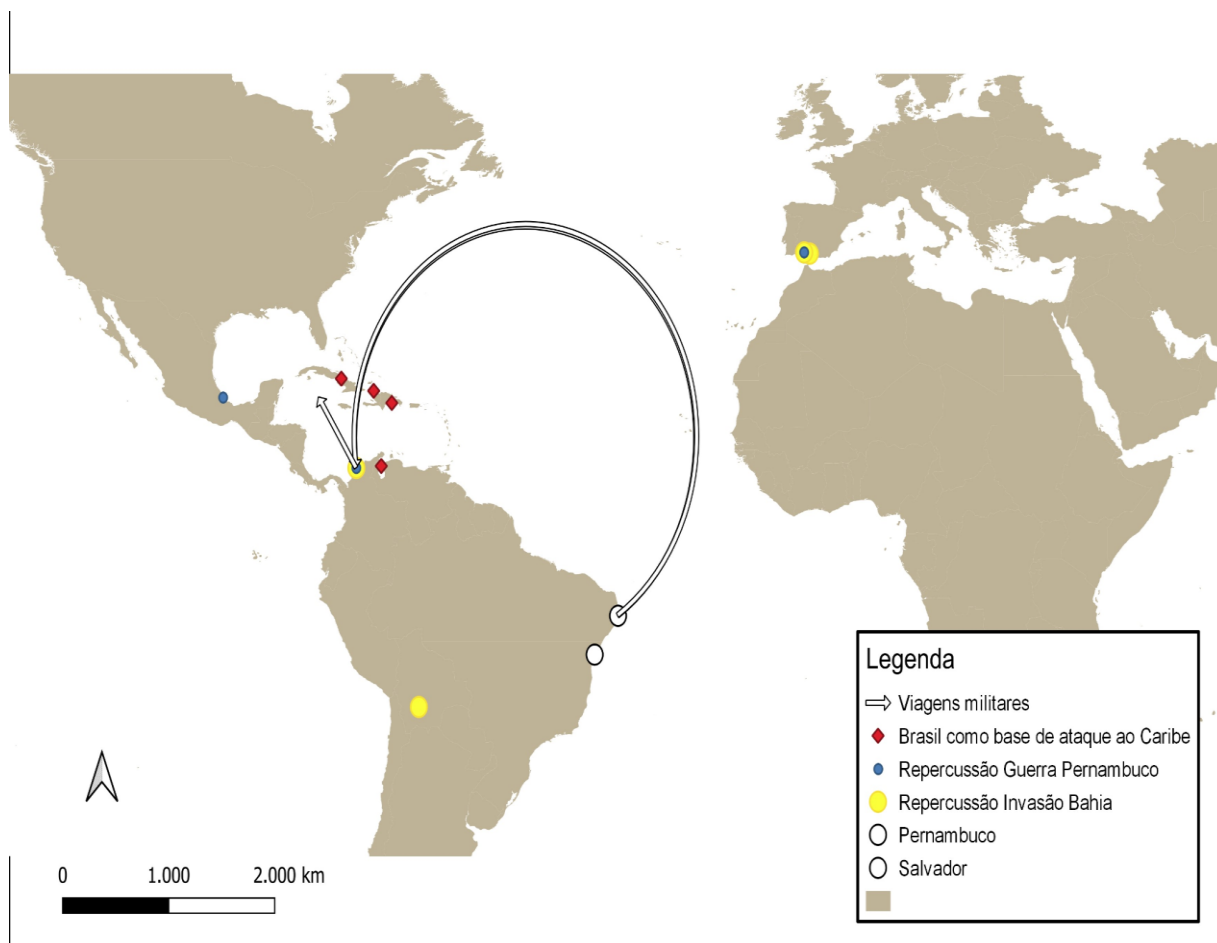
---

19 *Ibidem*; Folha 1.

20 Segundo Enriqueta Vila Vilar, os holandeses iniciaram as suas ofensivas no Caribe em 1625, quando atacaram respectivamente: Margarita, Caracas, Jamaica e La Habana. Em 1634, tomaram Curaçao, que teria se convertida em um grande depósito de cativos, servindo como uma base para a estruturação de toda logística do comércio de escravizados, que segundo autora estaria em suas mãos a partir de 1640, com a restauração de Portugal e a saída dos portugueses do lucrativo negócio. Ver em (VILA VILAR, 2006, p. 221-236).

21 AHN, Diversos-coleções, 26, n.69, “Relación del socorro que presto la Armada a Brasil.” (PARES).

### Imagem 1: A repercussão e os impactos das invasões neerlandesas no Brasil



**Fonte:** Banco de dados próprio em que reuni todas as referências espaciais citadas nas fontes usadas neste trabalho

Em certa ocasião, o governador e capitão geral da Ilha de Cuba, Don Álvaro de Luna Sarmiento, sugeriu, em tom acusatório, a suposta existência de uma colaboração entre portugueses e holandeses, pois “con las paces que tiene sentadas con Portugal y no tener en qué ocupar sus armas en aquellos Estados trata de emplearlas en las Indias, y en particular ocupar esta placa [Havana], como la más importante” (WRIGHT, 1935, p. 48).<sup>22</sup> Desse modo, os ataques no nordeste do Brasil repercutiram nos conselhos, juntas e cartas trocadas entre as autoridades castelhanas.

Por essa época, as autoridades coloniais suspeitavam que era parte do plano neerlandês se estabelecer em alguma praça estratégica, Cuba, Santo Domingo ou Cartagena, a fim de espreitar os galeões de prata do Vice-reino do Peru. Por coincidência ou não, a partir de 1635 os corsários invadiram, saquearam, sequestraram pessoas e sabotaram plantações começando pelo cerco à Tortuga. O encarregado de levar o terror nessas décadas era o famoso corsário já mencionado aqui, de Pie de Palo, figura muito citada nas correspondências dos governadores. No relato de Francisco de Tajagrano e Diego Nuñez de Peralta,

<sup>22</sup> Documento nº 78. *Don Alvaro de Luna Sarmiento ANN Blas de Pedroso. Havana 1 february 1642.* Ver em: WRIGHT (1935, p. 48).

reproduzido abaixo, fica evidente o clima de insegurança naquelas águas:

[...] se apoderaron de la dicha ysla y que su fuerza --- que se componía de seis piezas de fierro colado--- y de las refriegas y encuentros que tubieron, y que mataron ciento y noventa y cinco hombres y tomaron treinta y nueve a prisión--- ynclusos en ellos tres mujeres ---, sin más presa que las dichas seis piezas y algunos mosquetes y arcabuces y otras cosas de tan poca consideración como constara de la relación de todo remitimos entonces y ahora lo volvemos a hacer con esta (WRIGHT, 1935, p. 64)<sup>23</sup>

Em Cuba, os ataques de Pie de Palo começaram no ano anterior, conforme observamos na carta de Juan de Amezqueta Quijano de 15 de março de 1634, onde o corsário teria se passado por responsável de uma esquadra, simulando seguir as ordens do governador. Quando a farsa foi descoberta, o corsário já tinha fugido do porto, mas não sem antes realizar uma tentativa frustrada de lançar seus soldados em terra, a fim de manter espiões na Ilha (WRIGHT, 1935, p. 20).

Em 1636, Pie de Palo tentou render Tortuga, tomou um navio com artilharia grossa e a bordo cerca de 97 cativos avaliados em 40.000 ducados. Em terra arrasaram as plantações e criações de auto sustento dos moradores da Ilha, além disso, levaram os trabalhadores escravizados das lavouras espanholas. Em 1638 as facções do rei retomaram o controle do arquipélago, para isto foram necessários 60 soldados sob o comando de Don Juan de Barga (WRIGHT, 1935, p. 64).

As tropas dos Habsburgos, no entanto, não conseguiram evitar os pequenos ataques e naufrágios dirigidos às embarcações pequenas. As vítimas serviam como informantes às autoridades locais que reproduziam seus depoimentos nas cartas remetidas ao rei. Juan Suarez, dono de uma fragata que saiu de Cartagena para Cuba, tornou-se prisioneiro de Pie de Palo em 27 de fevereiro de 1637. De volta a Cuba, disse que as armadas inimigas eram financiadas por mercadores que ficavam com uma parte da pilhagem dos saques, a ordem era “quemar y echar a pique todos los nauios que tomare, y los negros que cojiren lleuarlos a las partes donde estan poblados [...]” (WRIGHT, 1935, p. 20).

Em 16 de março daquele mesmo ano, pela boca do capitão Marcos de Almeida, as autoridades reais souberam dos novos planos de Pie de Palo, que inclusive se comunicava muito bem em português. Segundo Almeida, o pirata prometia que viria aquelas partes a armada mais poderosa que tinha conseguido reunir na Holanda, o objetivo era claro: “tomar todo Brasil y que de no harlo, dejarían lo que alli tenian” (WRIGHT, 1935, p. 24).

Todavia, a batalha mais emblemática, que ganhou inclusive a versão narrada em uma “Relação Verdadeira dos Sucessos”, foi a de Pan Cabañas em 1638, a noroeste de Cuba, cuja rivalidade se centrava entre Pie de Palo e o Capitão Carlos Ibarra do lado Espanhol. (WRIGHT, 1935, p. 36-46). Aos vinte dias do mês de abril de 1638, Ibarra deixou o porto de Cádiz no comando da frota de *Tierra Firme*. Chegou a Cartagena aos doze dias de junho. Assim que desembarcou foi informado do plano holandes de atacar os galeões, pois supostamente os espiões que Filipe mantinha em Flandres o tinham alertado.

Ao mesmo tempo, a armada de Pie de Palo estava a caminho do Brasil levando reforços para a proteção de Pernambuco, eram 14 navios sob o mando do corsário e um certo capitão natural dos trópicos. Aparentemente, ao perceber que havia a oportunidade de saquear os galeões de prata, decidiram esperar no Caribe.

Enquanto no relato do governador de Cuba, reproduzindo os depoimentos dos

---

23 Documento nº 89: Francisco de Tajagrano en Diego Nuñez de Peralta AAN de Kroon, Santo Domingo, 24 junio 1640. *Ibidem*.

prisioneiros que os holandeses tinham abandonado em terra, na altura de Cuba e Cartagena, e que foram resgatados pelas autoridades locais. Segundo relato, Pie de Palo a princípio teria sido comissionado a levar socorro ao Brasil, por este motivo recebeu 60 naus na Holanda. A outra parte do plano consistia em se juntar aos demais corsários em agosto, para espreitar a frota de Ibarra (WRIGHT, 1935, p. 36).

O plano inicial era atacar a frota de Nova Espanha, mas na altura de Veracruz, ficaram sabendo que a frota de Ibarra estava composta de apenas sete embarcações, na maioria galeões que transportavam o metal precioso, inferindo assim que não estavam adequadamente apetrechadas para defesa. Aproveitando-se da situação, deu ordens para o ataque dos galeões que tinham deixado Cartagena. Nas palavras de um combatente holandês sobrevivente do ataque:

(..) Y así viendo frustrados nuestros intentos, nos resolvimos en dejar esta empresa e intentar la de los galeones que salen de Cartagena, y era éste el tiempo en que habían de venir a La Habana, que si bien son más fuertes y de más resistencia que la Flota, sabíamos que no eran más de siete, y siendo nosotros catorce y tan prevenidos, poca lisonja era prometernos la victoria, particularmente juzgando que por la mayor parte vienen estos galeones más cargados de plata que advertidos de prevención.(apud RAULT, 2002, p. 112-113).

O mesmo soldado admitiu que lhes sobrava determinação, mas faltava a fortuna, confessando o fracasso nesta guerra.

Descubrí noslos un día de los de agosto y, acometiéndolos con mucha determinación, y con poca ventura, hallamos nuestra perdición donde pensamos las ajenas riquezas. Echándonos a pique siete naos, y entre ellas a nuestra almiranta, y quemándonos nuestra capitana, matándonos nuestro general, y finalmente nos desbarataron de suerte que, sin podernos valer unos a otros, cada uno trató de solo su remedio, sin acordarse del ajeno. Nuestra nao llegó aquí como la vistes, y no fue poca dicha haberos encontrado, porque, rendidos del trabajo, ya no había aliento para dar a la bomba, y cada hora pensábamos era la postrera de nuestras vidas. Los galeones de la plata, si bien juzgamos recibieron algún daño de nuestras balas, no se perdió ninguno, y todos se encaminaron a entrar en La Habana, adonde juzgo estarán para irse a España, con que harán más pública su dicha y nuestra afrenta. (apud RAULT, 2002, p. 113).

A tropa de Ibarra foi obrigada a *invernar* em Havana, onde esperaria reforço para levá-los até a Espanha com o carregamento de prata em segurança, enquanto os holandeses que sobreviveram foram resgatados em Sanlúcar por um capitão inglês chamado Duque de Medina Sidonia (RAULT, 2002).

No entanto, a derrota não pôs fim aos intentos holandeses no Caribe, em 1639 os *presídios* receberam novo alerta de um possível ataque, uma vez que o inimigo tinha a possibilidade de recuar e se reorganizar no Brasil. O aviso despachado às bandas de Cartagena, Cabo de Corrientes, Chorrea y Coximar era muito claro: não permitir que os corsários jogassem gente em terra, pois era a estratégia para obter informações. Desse modo, observamos que o fluxo de pessoas entre as referidas praças era contínuo, e as autoridades não tinham controle de quem entrava e saía. Veremos adiante como muitos governadores do lado castelhano usavam dessa mesma estratégia, o interrogatório dos viajantes, para colherem informações do que acontecia ao sul do continente.

Don Alvaro de Luna Sarmiento, o então governador de Cuba, disse em 4 de setembro de 1640, que não era segredo a presença neerlandesa naquelas costas. Que no porto de Cuba se avistava uma armada inimiga composta de 36 *vaxeles*, somaram-se outros 24 que haviam saído do Brasil.<sup>24</sup> Sete dias mais tarde, o temor das autoridades se concretizou. Um patache, com cerca de 100 toneladas, se instalou na Jamaica para hastear fogo na armada da Espanha. A duas léguas dali, uma urca com 130 homens reforçam o recado. Além disso, uma outra urca, com pelo menos 230 pessoas, acompanhava tudo de perto caso houvesse necessidade de oferecer apoio. Para sorte dos castelhanos, uma tempestade adiou os planos, devastou as embarcações, matou 22 homens e levou outros 230 sobreviventes arrastados para Cuba, de onde saíam como prisioneiros na frota seguinte (WRIGHT, 1935, p. 41).

Não tardou para que Pie de Palo enviasse um comunicado ao governador de Cuba solicitando a devolução dos seus homens. A carta em latim, entregue por cinco religiosos da ordem de São Francisco, feitos reféns, apresenta a intrepidez digna do famoso corsário. Nela dizia “por auer entendido que en las playas de ese puerto, con el temporal se han perdido dos naos de la nuestras, y que vuestra señoría tiene en su poder muchos prisioneros [...]” (WRIGHT, 1935, p. 43). Propôs uma troca de prisioneiros, em tom de ameaça pediu para que o governador os tratasse bem, pois tudo o que fizessem com os seus também o seria feito com os dele, e advertia: “Y no repare vuestra señoría en que el número de los nuestros sea mayor, pues podremos coger en estas costas todos los que quisiéramos hasta igualarlo.” (*Ibidem*). E termina com outra ameaça, dizendo que não sairia daquela costa de mãos vazias, sem antes pagar na mesma moeda os danos que sofreu. Finaliza exigindo uma resposta:

[...] si vuestra señoría nos responde por la misma persona que lleva esta; pero si [...] no tubete por bien de respondernos, lo recibiremos a disfavor y este cierto que haremos demostración dello.<sup>25</sup>

Em 21 de setembro daquele mesmo ano, o governador Don Álvaro de Luna Sarmiento, enviou a resposta. Disse ser atributo da sua profissão cuidar das pessoas, de modo que o corsário não deveria preocupar-se com os prisioneiros que tinham ficado em Havana, pois usaria de toda atenção e humanidade para com eles. Porém, também fazia parte do seu ofício acatar as ordens do rei que consistiam em remetê-los à Espanha na frota seguinte. Disse ter ciência que dentre os prisioneiros em poder de Pie de Palo estava um morador indesejável de Cuba, um tal Guilherme, e em tom jocoso fez a seguinte petição:

[...] que es un hombre que se avecino en este lugar y salió del a robar a la mar. Si vuestra señoría fuere servido de remitirle, le enviaré uno de los capitanes que es tan desigual, por ser persona de poco porte (WRIGHT, 1935, p. 45).

---

24 Em um trecho da carta do governador de Cuba temos alguns números e datas que nos permitem dimensionar a proporção do intento do corsário: [...] *Pie de Palo había salido del Brasil para esta costa a 10 de julio, con veinte y cuatro bajeles, los veinte de fuerza y los cuatro pataches, los tres de fuego para pegarle a nuestra armada en caso que no la pudiesen rendir. Auia dos capitanas. La una, en que venía Pie de Palo, que era de 800 toneladas con 48 piezas de artillería, la mitad de bronce; en la otra venía Juan Cornieles, que auia salido de Holanda por general de la armada del Brasil, del mismo porte, con 40 piezas, todas de bronce, y nao de mucha fuerza. La almiranta de 600 toneladas, con 44 piezas, mitad de bronce. Las demás de 400 toneladas para arriba, con 36,32, 28,20 piezas y 1600 soldados, y otros tantos marineros, pocos más o menos*” (WRIGHT, 1935, p. 43).

25 A carta foi reproduzida em Espanhol, visto que era o próprio governador de Cuba quem remetia as notícias à corte do rei. La carta de Pie de Palo supuestamente fecha en la nao nombrada la Salamandra, en 19 de set 1640 (WRIGHT, 1935, p. 43-44).

Certamente, a intenção do governador depois dessa declaração era responder a altura, demonstrando que também conhecia os pormenores da ação dos inimigos, sabendo inclusive quem estava sob a sua tutela. Atendendo ao governador, Pie de Palo deixou os prisioneiros na baía de Matanzas no dia seis de outubro.

### **Os sobreviventes da guerra de Pernambuco no porto de Cartagena das Índias no ano de 1640**

Nas cartas enviadas pelo vice-rei da Nova Espanha, Diego López de Pacheco, o Conde Duque de Escalona, ao Conselho das Índias no ano de 1640, se encontra uma passagem muito interessante a respeito de uma tentativa de expulsão dos holandeses de Pernambuco, tratava-se do socorro oferecido à armada do Conde da Torre. Na ocasião, o vice-rei informava que tinha feito tudo o que estava ao seu alcance para dar suporte à armada que havia se dirigido ao Caribe depois das perdas sofridas em Pernambuco, atendendo a solicitação do capitão-general e integrante da frota: Don Juan de Vega Bazan. O vice-rei anexou as cópias da carta junto ao caderno remetido ao Conselho.

Na carta Bazan descreve a derrota e pede alimentos e munição, pede ainda a permissão para atracar em algum porto do Caribe: Veracruz ou Cartagena.<sup>26</sup> Tanto o vice-rei de Nova Espanha quanto do reino do Peru trocaram correspondência sobre esta situação:

También receui otra [carta] por la secretaria del Perú con orden de que si el general Don Juan de Vega aportar con su armada por estos mares le acuda con todo lo necesario p su apresto y provisión pertrechos municiones y bastimentos y a yo hauia tenido aviso de dicho Don Juan de Vega de 6 de julio de su arribada a Cartaxena, dando quenta del mal sucesso que auian tenido en Pernambuco y pérdida de la capitana y almiranta de Portugal al entrar en el Puerto de Cartaxena y me pide pólvora y bastimentos que le remita a la habana como todo lo podra VM mandar der por la copia de carta y relación que hay en mi carta de guerra y yo tengo ordenado que desde la veracruz se le vayan enviando con las embarcaciones que se fueren ofreciendo todo lo que ha podido.<sup>27</sup>

Juan de Vega Bazan enviou duas cartas, cujo conteúdo é rico em detalhes sobre a viagem e a derrota da Armada espanhola-portuguesa. Nesse mesmo período, enquanto os colonos e a armada ibérica lutavam lado a lado nas Américas contra os holandeses, na Península a crescente tensão culminou no levante e restauração de Portugal, ecos que logo foram sentidos nas Índias Ocidentais, conforme apontaremos no episódio da suposta sublevação dos portugueses do *presidio* em Cartagena.<sup>28</sup>

Segundo o general as coisas não foram bem desde a saída da armada de Lisboa. Na ocasião, o Conde de Linhares, que havia sido nomeado para restaurar aquelas praças do Brasil, foi substituído por Fernando Mascarenhas, o Conde da Torre. Don Fernando Mascarenhas recebeu 2.500 homens, 24 galeões, suprimento para oito meses de viagem,

---

26 AGI. Mexico, 35 n.13, 1640. "Cuaderno de cartas del virrey Diego López Pacheco, duque de Escalona" (PARES).

27 AGI. Mexico, 35 n.13, 1640. "Cuaderno de cartas del virrey Diego López Pacheco, duque de Escalona" (PARES). Relação de número 6, folha sem número.

28 As cartas sobre a guerra no Brasil foram anexadas aos cadernos do vice-rei da Nova Espanha sob a numeração 113 e 114. Ver em: AGI. Mexico, 35 n.13, 1640. "Cuaderno de cartas del virrey Diego López Pacheco, duque de Escalona" (PARES)



além de 200.000 ducados da Coroa de Portugal.<sup>29</sup>

A sete de setembro saiu a *Capitana* de Castilha sob o comando de uma figura muito conhecida, Francisco Diaz Pimenta, que recebeu fama anos mais tarde pela atuação na batalha de Santa Catalina (1640), quando expulsou os Ingleses da área de influência de Cartagena. As ordens eram claras: a armada que chegasse primeiro deveria esperar pela outra na altura de Cabo Verde.

Segundo Bazan, a armada de Castilha também não teve sorte, em quarenta dias de viagem perdeu vários homens por um mal contágio desconhecido. Depois de 20 dias da *arribada* em Cabo Verde:

había caído la mitad de la gente enferma, lástima grande de verlos en una playa sin legalo cama medicina muriendo los más por falta de esto y faltando también la disposición o la caridad para curarlos y para enterrarlos.<sup>30</sup>

Decidiram por fim navegar até a Baía de Todos os Santos, nesse ínterim o general Francisco de Mello, da armada portuguesa, foi substituído por Don Rodrigo Lobo, outro nome que se destacou durante a estadia da armada em Cartagena (1640-41). Em Salvador, Mascarenhas tratou de averiguar quem poderia “tomar em armas”, porque tinha perdido mais de 1.000 soldados para uma doença, sem sucesso não conseguiu gente suficiente para dar continuidade à empresa. O conde de Óbidos e o mestre de campo Barballo fizeram uma nova incursão, dessa vez Recôncavo adentro para reunir possíveis soldados e outros recursos.

O restante da tropa ficou no porto aguardando o Conde até agosto daquele mesmo ano. As moléstias os atingiram rapidamente, os soldados reivindicavam o seu soldo e reclamavam da fome. Em outubro de 1639, Diego Lobo chegou com o socorro de 1.200 homens e seis navios das Ilhas Atlânticas. Do Rio da Prata trouxeram outras quatro embarcações carregadas de muita carne salgada. Naquele mesmo mês atracou no porto uma caravela de avisos com a novidade: Dom Jorge Mascarenhas era o novo governador.

Em 19 de novembro daquele mesmo ano a armada deixou a Bahia. Na opinião do general Bazan as coisas andavam erradas desde o princípio. O Conde da Torre teria sido desorganizado no despacho e na saída da facção, naquela altura já tinha caído no descrédito perante a tripulação. Foram organizados 5.000 homens entre 20 naus e algumas velas.

Avistaram o inimigo no Cabo de San Agustin, onde não sabiam qual decisão tomar, as opções eram: voltar a São Miguel para buscar reforços ou atacar com os homens e munição que tinham disponíveis ali. O Conde escolheu a segunda. Finalmente, em 12 de janeiro de 1640, foi deflagrado o confronto no Cabo de San Roque, Rio Grande (Mapa 1), pelejando a armada do Conde sempre a barlovento. O saldo da disputa foi negativo do lado português, pois perderam a *capitana*, enquanto os neerlandeses tiveram três embarcações levadas a pique, essa contenda foi tão acirrada que Bazan a descreveu como “la batalla mas sangrienta”.<sup>31</sup> Logo depois, os soldados da restauração partiram em retirada usando os destroços que tinham sobrado.

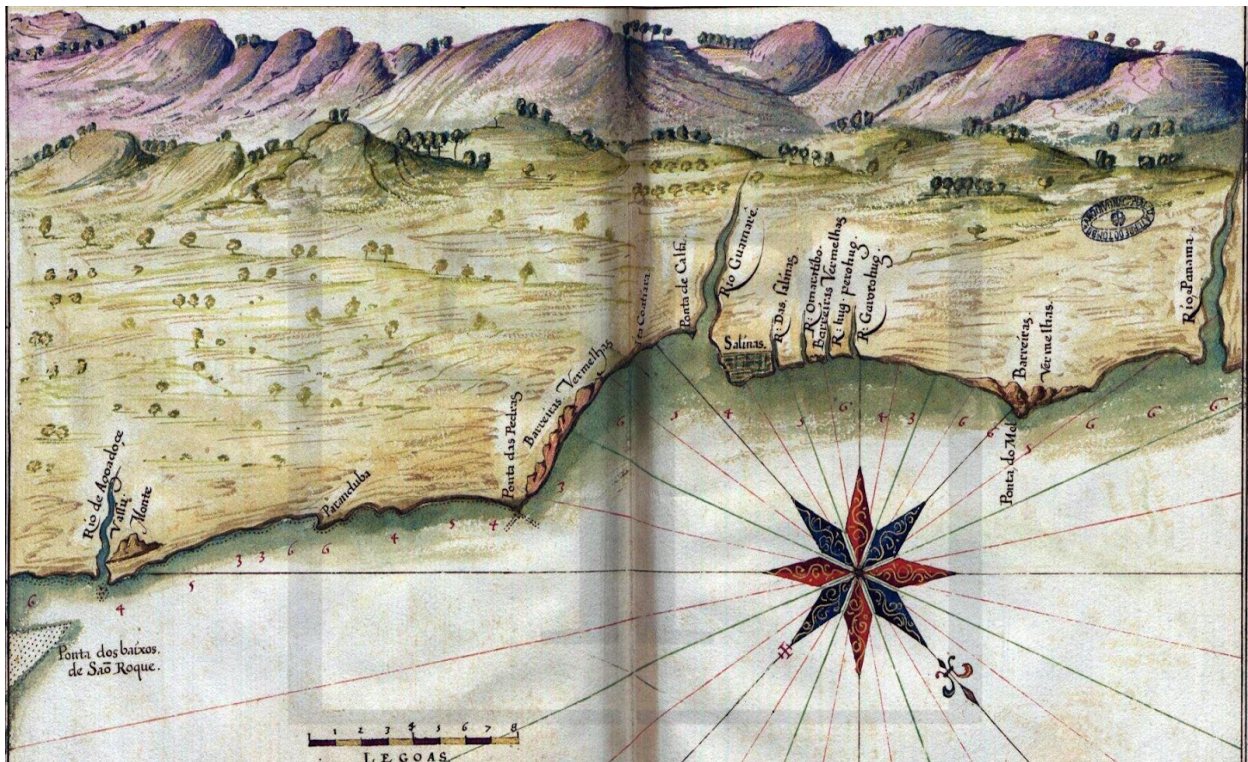
---

29 *Ibidem*;

30 *Ibidem*; Folha 114.

31 *Ibidem*; folha sem número.

Mapa 1: São Roque Capitania Rio Grande



Fonte: ALBERNAZ, João Teixeira. Mapas. In: MORENO, Diogo de Campos. Livro que dá razão do Estado do Brasil, [com mapas de João Teixeira Albernaz]. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Instituto Nacional do Livro, 1968.

Os dissidentes da armada liderada pelo Conde da Torre seguiram para as águas do Caribe, onde a tropa enfrentou muita adversidade, tais como a falta de água, a tempestade, que quebrou os cabos das embarcações, e como se não fosse suficiente, a calmaria de vento. De acordo com Bazan, o ideal seria voltar para a Bahia, mas o percurso demandaria mais água e *bastimentos* do que dispunham a bordo durante a escala obrigatória na Costa da Guiné. Diante das circunstâncias, decidiram buscar água na “Ilha do tabaco”, não encontrando em abundância resolveram ir a Cunamá. De lá, Bazan escreveu cartas aos vice-reis e ao rei, em que pedia permissão para atracar em Cartagena.

Enquanto os soldados aguardavam uma resposta, chegaram a Margarita outros 458 homens da armada do mestre de campo Fernando Silvera, o cunhado do Conde da Torre, também derrotado em Pernambuco, sua intenção era passar à Ilha Terceira, de onde planejava enviar uma carta ao monarca pedindo reforços para voltar ao nordeste.

Pouco tempo depois, a facção do general Bazan recebeu a permissão para desembarcar em Cartagena, porém as calamidades continuaram. A tripulação atracou com muita dificuldade na “boca grande” da baía da cidade, precisaram da ajuda de pilotos locais, pois as embarcações eram muito grandes e se encontravam danificadas.<sup>32</sup>

32 Dentre os destroços e avarias, chegaram ao porto de Cartagena seis navios da Espanha e dois de Portugal. Essa informação é confirmada em outros documentos, como as cartas do governador D. Melchor de Aguilera. Ver em: AGI, Santa Fe, 40, R.3, N.87, 1641, “Carta de governadores” (PARES).

## As tensões políticas e militares na Cartagena das Índias de 1640

A população da cidade de Cartagena das Índias era assolada pela insegurança nos anos quarenta do século XVII. Pelo menos três acontecimentos caóticos convergiam para agravar o quadro nesses anos: 1) a chegada dos dissidentes da guerra de Pernambuco; 2) a guerra de libertação da Ilha de Santa Catalina e 3) os tumultos provocados com a sublevação de Portugal. De certo modo, as notícias de invasões e prenúncios de guerras não se limitavam apenas a esta década, tampouco eram os neerlandeses os únicos inimigos, integravam a lista os corsários franceses e ingleses por exemplo. Diante desse cenário, era parte do cotidiano dos colonos as cobranças de donativos para proteção da cidade, a obrigação de participar das *juntas* e até mesmo pegar em armas contra os invasores.

Por essa mesma época os Ingleses tinham tomado a Ilha de Santa Catalina, área de influência de Cartagena que poderia servir como base para passarem longas temporadas no Caribe, uma vez que tinha fonte de água potável e outros recursos. Não foram apenas os colonos que se inquietaram, o governador da época Melchior de Aguilera temia que os ingleses se estabelecessem com a intenção de monitorar e planejar ataques às frotas.<sup>33</sup>

A chegada de um contingente formado por fidalgos de nação portuguesa só fez piorar a situação no *presídio* local. Desde a década de 1630, os residentes da “nação” sofriam certo estigma refletido, inclusive, em uma série de perseguições do Tribunal da Santa Inquisição. Com a Restauração de Portugal em 1640, os *vecinos* portugueses até então tolerados nas possessões de Castela, principalmente os cristãos novos, passaram a ser tratados com bastante desconfiança.

No primeiro momento, os dissidentes da armada do Conde da Torre foram bem-vindos à cidade. Grandes figuras da nobreza foram recebidas pelo governador que tinha a intenção de enviá-los para a batalha de libertação de Santa Catalina. Porém, com o passar dos meses as dificuldades de convivência vieram à tona, agravadas pela fome e falta de soldo. O lugar destinado à defesa da cidade se converteu em uma grande fonte de tensão.

Para o governador da cidade, Melchior de Aguilera, a situação não era fácil, estava lidando simultaneamente com a ameaça externa da pirataria, e interna dos motins. E frequentemente recebia reclamações da situação dos soldados, com fome e desnudos. O seu governo foi marcado ainda pelas denúncias de desvio de recursos e má condução durante a guerra.

A relação amistosa entre castelhanos e estrangeiros se transformou quando veio à tona o suposto plano de sublevação das tropas portuguesas, cujo centro da conspiração era Castelo Melhor<sup>34</sup>. João Rodrigues de Vasconcelos e Sousa, integrante da dita armada, foi acusado de planejar um assalto ao arrabal do Getsemaní, local onde era armazenada toda munição da cidade. O suposto plano teria como objetivo levantar as armas para tomar um galeão de prata, mas foi interrompido antes da execução graças a um certo delator também

---

33A batalha de Santa Catalina está documentada em: AGI, Santa Fe, 57, n.58, 60, 62 e 63, 1641, “Jueces de comisión y visita de Santa Fe.” (PARES)

34 Os autos do processo do Conde de Castelo Melhor, aparentemente, nunca chegaram ao Conselho das Índias, apesar da solicitação do secretário Gabriel de Ocaña em 1642. Ver: AGI, Indiferente, 435, L.11, F. 164R, 1642, “Orden a Francisco Díaz Pimienta” (PARES) e AGI, Indiferente, 435, L. 11, F.173R, 1642, “Orden para la remisión de la causa del conde de Castillmillor” Tivemos acesso às cartas que o próprio governador escreveu ao conselho informando sobre o caso, ver: AGI, Santa Fe, 57, n.59 e 61, 1641, Jueces de comisión y visita: Audiencia de Santa Fe (PARES).

português.<sup>35</sup>

## De derrotados em Pernambuco à vitoriosos no Caribe: A participação da armada do Conde da Torre na Guerra de Santa Catalina

Em 18 de maio de 1640, o Don. Melchor de Aguilera pedia autorização real para o uso da Armada dissidente de Pernambuco na guerra de Santa Catalina:

[...] Dijo que habiendo su Mrd propuesto a los señores generales de la armada de Castilla y de Portugal la ymportancia de la Ysla de Santa Catalina que tiene ocupada el enemigo infestan estas costas y a gran serviçio que se haria a su magd en esta facçion y pedidos para ella la gente navíos y artillería que trajeron de la Resulta del Brasil la neçessaria conveniente para lo qual se hiço junta de los dhos señores y su mrd de que resultó resuelve la dha jornada en atençion de las grandes combeniençias que parecen seguirse della como consta.<sup>36</sup>

Contudo, o remédio para os problemas do governador também causava dor de cabeça. Os dissidentes da guerra em Pernambuco não se reportavam diretamente à Aguilera, apenas aos oficiais da armada portuguesa. A tensão se tornou grave no dia 10 daquele mesmo mês, quando a facção do Brasil se recusou a participar da primeira incursão à Ilha de Santa Catalina, supostamente aconselhada pelo capitão Francisco de Villa Gomes.

Dias depois, uma difamação à figura do rei pôs toda cidade em alerta. Tudo começou com o surgimento de folhetos pregados nos principais pontos da cidade, como a Igreja Maior e o convento de São Francisco, a autoria foi atribuída aos rebeldes do *presídio*. O governador fez as diligências para ouvir as testemunhas, encontrar e punir os culpados. O próprio vedor e contador da Armada do Brasil foi ouvido, na ocasião entregou alguns nomes e reiterou sua lealdade aos Habsburgos.

Enquanto no presídio as tropas se preparavam para uma nova tentativa de expulsão dos ingleses da Ilha de Santa Catalina, irrompeu uma nova conspiração, a dos *papelitos* dos portugueses. Alguns papéis teriam sido espalhados no quartel com a intenção de agitar os soldados, desencorajando-os de embarcar.

Dessa vez, a infração recaiu sobre Juan de Vega Bazan, encarregado do pagamento do soldo e distribuição da ração, acusado e preso por conspiração. Em seguida, o governador atendeu as reivindicações dos soldados, pagou-lhes os atrasados para pôr fim ao motim. A prisão do general Bazan deu início a uma série de acusações trocadas entre ele e o governador da cidade, dentre elas a de que o governador tinha pego dinheiro do erário régio destinado à guerra para uso próprio.<sup>37</sup>

Seja como for, a contragosto ou não, a armada dos dissidentes do Brasil partiu rumo à Santa Catalina para cumprir as ordens de Don Antonio Maldonado, sargento mor e capitão

---

35 Há indícios de irregularidades no processo, o que explicaria talvez a ocultação dos documentos. Castelo Melhor foi torturado e preso, sua fuga resultou em uma das Relações verdadeiras de sucesso mais famosas sobre a restauração de Portugal, considerado um herói da causa de D. João IV. Ver em: BNDigital: “Relação verdadeira dos svcessos do Conde de Castel Melhor, preso na cidade de Cartagena de Indias, & hoje liure, por particular mercê do Ceo, & fauor del Rey Dom loão IV. nosso Senhor, na cidade de Lisboa” [Livro]. Lisboa [Portugal] : Offic. de Domingos Lopes Rosa, 1642.

36 AGI, Santa Fe, 40, R.3, n.87, 1641, “Cartas de governadores”. (PARES).

37 A versão do general Bazan foi escrita na prisão, data de 10 de outubro de 1641, está anexada na carta do governador de Cartagena. AGI, Santa Fe, 40, R.3, n.87, 1641, “Cartas de governadores”. (PARES).

geral do presídio de Cartagena. A primeira guerra foi perdida. Nessa luta morreram muitos homens, inclusive o irmão de Castelo Melhor, o também fidalgo Nicolas de Sousa.<sup>38</sup>

[...] chega lo o Conde a Cartagena, partito soldado raso, na companhia de seu irmão Nicolau de Sousa, na jornada que barbaramente ordenou o Castelhana para desalojar o Ingres da Ilha da Providência, chamada Santa Catherina, cuja praia lançou de noite duzentos homens, sem ter notícia de terra, & o inimigo estando [pre] reparado cõ os muros da natureza, que sam as dificuldades do sítio, & com o áspero do lugar, fazendo os nossos trincheiras dos peitos, & baluartes dos corpos, com que morreo o Capitão Nicolau de Sousa, servindo a coroa de Portugal [...] (ROSA, 1642, p. A2 verso).

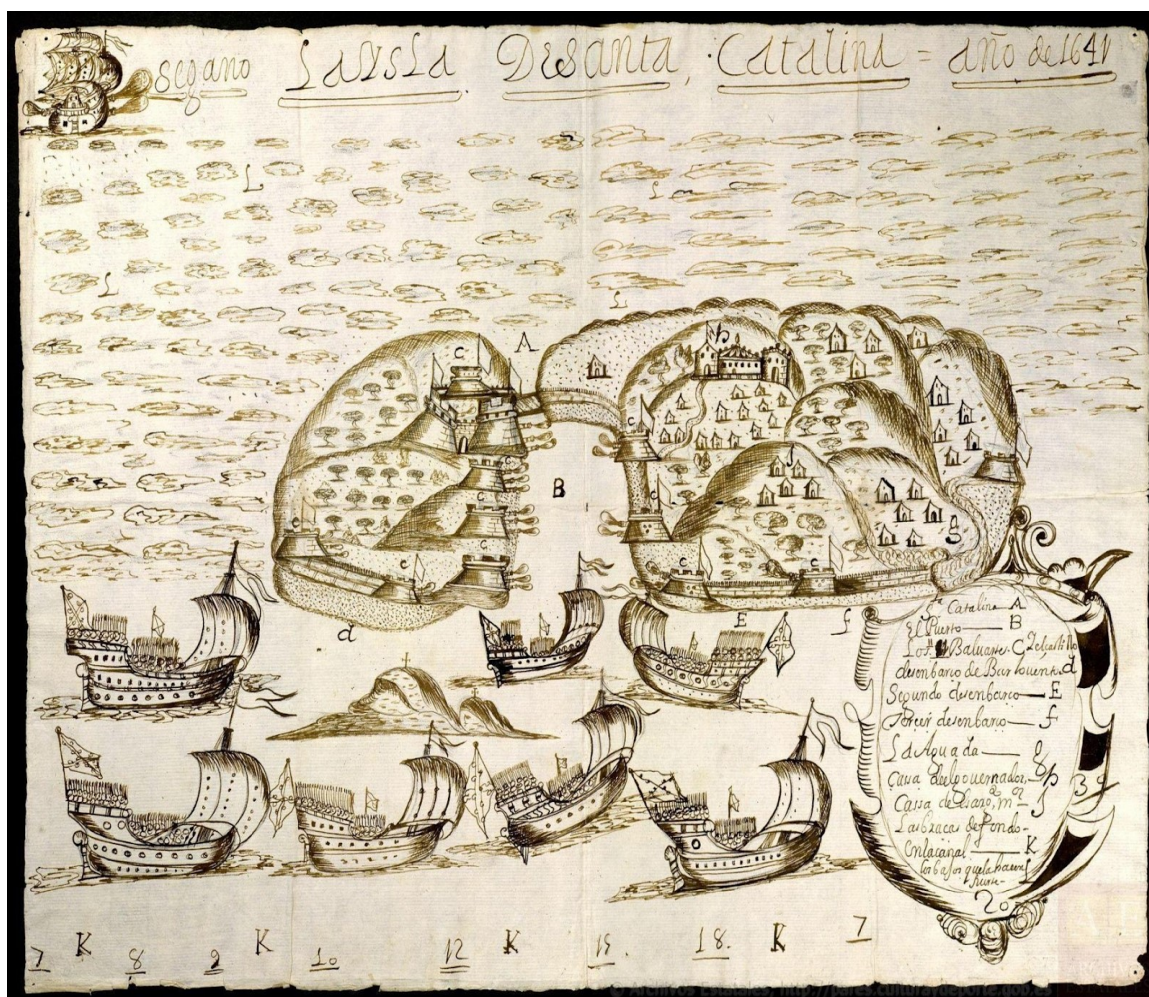
A tropa venceu na segunda incursão, atribuindo o feito à coragem do famoso capitão Francisco Dias Pimenta, que ficou conhecido nas narrativas da aclamação de D. João IV como inimigo dos portugueses.<sup>39</sup> Ele teria elaborado uma estratégia de ataque baseada no seu amplo conhecimento geográfico do arquipélago, pois sabia a posição das fortificações dos inimigos conforme indicado na legenda do *mapa 2*, cuja autoria foi atribuída ao dito general, de modo que pode surpreender os ingleses.

---

38 A morte do irmão de Castelo Melhor, ambos lutando lado a lado nessa guerra, foi citada em vários documentos, inclusive na carta de Juan de Vega Bazan ao vice rei Nova Espanha: AGI. Mexico, 35 n.13, 1640. “Cuaderno de cartas del virrey Diego López Pacheco, duque de Escalona” (PARES); AGI, Santa Fe, 57, n.58, 1641, “Jueces de comisión y visita de Santa Fe.” (PARES) e ROSA, Domingos Lopes. “Relação verdadeira dos svcessos do Conde de Castel Melhor [...]”.

39 ROSA, Domingos Lopes. “Relação verdadeira dos svcessos do Conde de Castel Melhor [...]”. E também na peça de teatro criada a partir da relação verdadeira dos sucessos do Conde de Castelo Melhor. RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ (2012).

**Mapa 2:** Mapa da Ilha de Santa Catalina atribuído ao Capitão Francisco Dias Pimenta 1641



**Fonte:** Archivo General de Indias - AGI, MP-Panama, 66, 1641, "Mapa de la Ysla de Santa Catalina, situada 80 leguas de Cartagena y 40 de Portobelo" (PARES).

Em outubro de 1641, o sargento mor de Cartagena, Maldonado Texeda, escreveu ao rei contando como aquela praça estava desprotegida devido à retirada de 100 soldados castelhanos do presídio local. Segundo ele, os 200 homens que sobraram para eventual defesa da cidade eram todos da infantaria portuguesa, e dentre eles, certamente havia dissidentes dos ocorridos no Brasil. Isso significa que os homens "da nação" permaneceram nas Índias de Castela mesmo depois do episódio de conspiração envolvendo Castelo Melhor.

### **A conspiração de Castelo Melhor, João Rodrigues de Vasconcelos e Souza**

No mês de agosto de 1641 foi preso em Cartagena o fidalgo João Rodrigues de Vasconcelos, o segundo Conde de Castelo Melhor, mais conhecido pelo posto de governador geral do Brasil (1650-54), e por ser pai do terceiro Conde de Castelo Melhor, Luís de Vasconcelos e Sousa, o valido de D. Afonso VI. João Rodrigues, era um dos nobres que chegaram à cidade a bordo da armada do Conde da Torre, dissidente das lutas em Pernambuco e combatente em Santa Catalina.

Para de Maldonado Texeda, Castelo Melhor teria aproveitado a viagem do já citado

general Francisco Pimenta ao Panamá para colocar em prática o suposto plano de sublevação<sup>40</sup>. No entanto, o fidalgo não esperava a denúncia de António de Azevedo que contou às autoridades, no dia 9 de agosto, duas horas antes da execução do plano. Segundo o delator, Castelo Melhor queria tomar o arsenal, localizado no arrabal do Getsemaní, a fim de distribuí-lo entre os soldados rebeldes, depois tomaria os barcos Santo Domingo e San Phelipe.

[...] auia llamado el conde de Castel Millor estando recogido en su casa y le dijo viniendo acompañado del capitán Pedro Jaques como estaua resuelto con algunas confidentes suyos levantarse con el arrual getsemaní la noche siguiente y con las fuerzas queay enel y apoderándose luego de los almacenes donde el general tenía los pertrechos y bastimentos de Vrã Real armada aprestar y amunisionar las descapitanas santo Domingo y San Phelipe y con ellas y los demás navíos que pudiesen irse a portugal [...]<sup>41</sup>

As autoridades ficaram alarmadas com o plano descrito por Azevedo. O ouvidor Bernardino de Prado encaminhou os homens de confiança para o presídio da cidade, armou o batalhão e enviou soldados para a muralha, uma vez que circulavam boatos de que viriam de Portugal mais de 50 embarcações para reforçar a rebelião. Logo depois, fizeram uma junta encarregada de prender Castelo Melhor, seus criados e outros cinco capitães lusos acusados de participação no intento.

[...] reforse los puestos de la ciudad y getsemaní y los castillos del puerto ordenando asus castellanos se fuesen a ocuparlos con toda brevedad enviando a los mas gente que los guarnesise y con las mismas dilijensia [...] y el de una junta que se hizo de D. Hartuño de Aldape gobernador del presidio oficiales R [reales] y demás criados que se tenéis en esta plaza[...]<sup>42</sup>

No mesmo dia que prenderam Castelo Melhor, submeteram-no a tormentos para que confessasse o intento, em dado momento na sessão lhe danaram uma das mãos gravemente. Foi considerado culpado, ainda que os autos do seu processo não tenham sido enviados ao Conselho, sugerindo irregularidade na condução do processo. Diante disso, conhecemos apenas a versão da Relação Verdadeira dos sucessos do Conde, isto é, a versão dos portugueses, convertida em uma propaganda da Restauração de Portugal, inclusive com críticas ao modelo de administração castelhana. (ROSA, 1642, p. A2 verso).

Durante a estadia nas Índias de Castela, Castelo Melhor prestou juramento de fidelidade a Filipe IV, comprometendo-se a lutar nas lutas da casa dos Habsburgo até mesmo contra Portugal.<sup>43</sup> Mas nem a declaração de fidelidade pôde livrá-lo da penúria na prisão, segundo a Relação, o Conde se encontrava em trapos de roupas, faminto e com a mão inutilizada. E de fato, pode ter sido uma experiência muito marcante na vida do Conde, pois consta em seu testamento, escrito antes de assumir o cargo de governador-geral do Brasil, um pedido para que a família mantivesse a limosna de 20.000 réis destinada a festa da Santa Teresa, em agradecimento pelo tempo em que esteve preso no castelo de Santa Cruz em

---

40 AGI, Santa Fe, 59, 1641, "Jueces de comisión y visita de Santa Fe." (PARES).

41 AGI, Santa Fe, 61, 1641, "Jueces de comisión y visita de Santa Fe." (PARES).

42 *Ibidem*; Verso da folha 3;

43 Ver em: AGS. Estado, legajo 2614. Consulta sobre tres cartas del conde de Castil millor, del capitán esteuan de Brito i del capitán Baltasar dagara Artur, portugueses, escritas desde cartagena de las Indias, lamentándose del suceso de Portugal, 04/10/1641. s. f.

Cartagena.<sup>44</sup>

Aparentemente, o Conde tentou fugir duas vezes, sendo a segunda bem-sucedida graças a ajuda do seu padre confessor, que o acompanhava desde a estadia na Bahia, Frei Ambrósio do Espírito Santo. Ele teria planejado a fuga e o resgate, além de ter cooptado um guarda do presídio para a soltura do condenado durante a noite. Os fugitivos foram resgatados, ironicamente, por uma tripulação holandesa que o aguardava na "boca chica" na baía. Antes de zarpar, atacaram com tiros de canhões a cidade de Cartagena.<sup>45</sup> A repercussão da fuga foi imediata, inclusive com a formação de uma comissão para a investigação dos culpados até mesmo no Panamá!<sup>46</sup>

No retorno a Lisboa, depois de uma longa e difícil jornada no trajeto, o Conde foi recebido com festa e mercês à altura da figura de herói da Restauração, rememorado de várias formas, tanto na imprensa quanto em encenações no tablado.

Os acontecimentos em Cartagena das Índias tiveram desdobramentos nos anos seguintes. O general Don Juan de Vega Bazan assumiu o posto de governador no Panamá, mas não perdeu o contato com o nordeste do Brasil<sup>47</sup>. Don Melchor de Aguilera foi preso e teve sua fazenda confiscada pelas denúncias de desvio do erário régio. Por sua vez, Antonio Maldonado de Texeda, o sargento-mor, teve suas memórias escritas e exaltadas pelo sucesso em conter a rebelião dos portugueses em Cartagena, além da condução da investigação de corrupção por parte do então governador Aguilera.<sup>48</sup> E finalmente, por ter se tornado uma figura tão ilustre, Castelo Melhor foi nomeado Governador geral do Brasil anos mais tarde (1650-54), certamente a decisão levou em consideração suas experiências militares no Caribe.

## Considerações finais

Podemos dizer que os acontecimentos do Brasil tiveram impacto direto e indireto nas praças do Caribe, fossem por medidas concretas e diretas como o preparo da cidade para um eventual ataque, usando o Brasil como um exemplo do que poderia acontecer caso não estivessem preparados. Ou pelo impacto indireto na arrecadação de impostos, uma vez que o sistema de arrecadação e gastos com a defesa da região do Gran Caribe era interdependente, ou seja, era uma caixa comum a todas as praças, de modo que o crescimento da despesa em um presídio representava o ônus coletivo, em efeito cascata. Em outras palavras: aquela praça que arrecada mais deveria cobrir a que arrecadou menos, o aumento das despesas com proteção em Cartagena refletia, portanto, em todo Caribe.

Com a tomada de Pernambuco, os impactos indiretos se materializaram na ofensiva holandesa cada vez mais intensa na região, pois agora os corsários dispunham de uma base importante em Recife. Ao contrário dos portos insalubres pelo clima e condições naturais,

---

44 ANTT Feitos Findos, Inventários post mortem, Letra J, mç. 347, n.º 9.

45 Na relação Verdadeira dos sucessos do Conde a fuga teria acontecido na noite de 16 de junho de 1642.

46 AGI, Panama, 238, L.15,F.322V-323V, "Salario del oidor Fernando de Velasco y Gamboa"(PARES).

47 É perfeitamente possível que Juan de Vega Bazan já tivesse suas pretensões nas Índias quando assumiu o governo das Armadas do Brasil, pois ele mesmo solicitou um cargo na administração de qualquer praça no Conselho das Índias, em 1643, com o argumento de ter sido fundamental na campanha de 1638. AGI, Panama, 2,N.83, 1643, "Pretensión de Juan de Vega Bazán". (PARES). Um indício da integração Brasil-Caribe, pode ser observado em 1646, na ocasião em que Bazan era Governador, capitão general de Tierra Firme e presidente de la Real Audiencia de Panamá, onde recebeu uma Real Cédula, que dentre vários assuntos, tratava dos soldos atrasados da sua viagem ao Brasil. Ver en: AGI, Panamá, 229, L.3,F.292 V-295V, 1646, "Respuesta al presidente de la Audiencia de Panamá". (PARES).

48 AGI, Indiferente,120, N.15, 1663, "MERITOS: Francisco Maldonado y Tejeda" (PARES).



como Tortuga, famosa pela falta de água potável, Pernambuco oferecia alimento para os soldados, um porto para aguardar reforços das Províncias Unidas, além de um local para planejar futuras incursões, para levar os prisioneiros, despachar correspondências entre outras vantagens. Dessa maneira a comodidade dos holandeses no Atlântico significava o desassossego de outras praças da monarquia Católica.

Observamos ainda a circulação direta dos homens envolvidos nas guerras do Brasil nas praças do Caribe. A armada do Conde da Torre foi assunto nas cartas trocadas pelos vice-reis de Nova Espanha e Peru, em que discutiram o destino daqueles sobreviventes. Logo depois de receberem a autorização para atracar em Cartagena das Índias, participaram ativamente da retomada da Ilha de Santa Catalina. Os dissidentes das guerras no nordeste do Brasil protagonizaram dois episódios importantes nas Índias de Castela, em pleno contexto político belicoso da Restauração de Portugal, os soldados da nação portuguesa fizeram um suposto levante no presídio local, pondo o Governador Aguilera em uma situação difícil. Era tão complexo o problema dos estrangeiros na cidade que um ano após a aclamação de D. João IV ainda se discutia o tema do que seria feito com o contingente remanescente na cidade.

Embora não fosse a nossa proposta central, destacamos como as notícias do Brasil foram recebidas nos Países Baixos, aspectos como a produção, a disseminação, as condições favoráveis para a expansão da imprensa e o interesse das classes urbanas no consumo deste tipo de produto. Vimos ainda que os dirigentes da WIC tentaram até certo ponto controlar as notícias que chegavam à população, com objetivo de fomentar o patriotismo, promover o expansionismo territorial, fundamentar o uso de mão de obra cativa e exaltar os empreendimentos da Companhia no além-mar, mantendo assim o valor das ações.

Salientamos a importância das notícias do Brasil nas praças do Caribe, argumentando que eram estes espaços conectados por uma ameaça em comum: o corso neerlandês. Contudo, não podemos pensar em uma unidade entre os súditos lusos e castelhanos à ultramar, pois conforme observamos acima, essas alianças eram tensas e oscilavam rapidamente para a hostilidade, pelo menos desde 1630 com as perseguições do Santo Ofício e a crescente intolerância aos portugueses na América Espanhola, principalmente os cristãos-novos. Os diversos gêneros literários criados para saciar a curiosidade e informar o público é produto de uma conjuntura complexa, onde os eventos amplos ganharam repercussões e desdobramentos diferentes em cada espaço em que foram acolhidos a depender dos interesses dos atores sociais em disputa. O presente trabalho é apenas um esboço diante do desafio colocado pelas Histórias Conectadas.

## Referências

ÁLVAREZ SANTOS, Javier Luis. Redes transfronterizas en un Atlántico dinámico: la inserción de la agencia portuguesa en América española a través de Canarias (1580–1640). *Anuario Latinoamericano – Ciencias Políticas y Relaciones Internacionales*, vol. 10, n. 1, p. 203-218, 2020.

CANABRAVA, Alice Piffer. *O Comércio Português no Rio da Prata 1580-1640*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. USP, 1984.

CHAMBOULEYRON, Rafael. “Como se hace en Indias de Castilla”. El cacao entre la

Amazonia portuguesa y las Indias de Castilla (siglos XVII y XVIII). *Revista Complutense de Historia de América*, vol. 40, p. 23-43, 2014.

DANTAS, Vinicius Orlando de Carvalho. *O Conde de Castelo Melhor: Valimento e razões de Estado no Portugal seiscentista (1640-1667)*. Dissertação (Mestrado em História). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2009.

FRANÇOZO, Mariana. *De Olinda a Holanda: o gabinete de curiosidades de Nassau*. Campinas, SP, Brasil: Editora Unicamp, 2014.

GOMES, João Pedro. Os portugueses de Cartagena das Índias e a Restauração. O resgate de D. João Rodrigues de Vasconcelos e Sousa, Conde de Castelo Melhor. *Revista 7 Mares*, vol. 5, p. 10-27, 2014.

GROESEN, Michiel van. *Amsterdam's Atlantic: print culture and the making of Dutch Brazil*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2017.

GRUZINSKI, S. O historiador e a mundialização. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, vol. 27, n. 1, p. 106-123, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadaufmg/article/view/29174>. Acesso em: 4 maio. 2023.

GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras *connected histories*. *Topoi*, Rio de Janeiro, p. 175-195, 2001.

HERNÁNDEZ, Luis Alberto Anaya. Las relaciones de los judeoconversos portugueses de Holanda con los de Canarias y América a través de su correspondencia. *Anuario americanista europeo*, n. 4-5, p. 239-258, 2006.

LENK, Wolfgang. Fiscalidade e administração fazendária na Bahia durante a guerra holandesa. *História Econômica & História de Empresas*, vol. 13, n. 2, p. 53-78, 2012.

MARANHO, Milena Fernandes. *Retratos da colonização: Os mapas dos Teixeira Albernaz e a construção dos sentidos da América portuguesa seiscentista*. Universidade de São Paulo, 3º *Simpósio Ibero-americano da História da Cartografia: Agendas para a História da Cartografia Iberoamericana*, São Paulo, 2010.

RAULT, Didier. La información y su manipulación en las relaciones de sucesos. Encuesta sobre dos relatos de batallas navales entre españoles y holandeses (1638). *Críticón*, n. 86, p. 97-115, 2002.

RODRÍGUEZ RODRÍGUEZ, José Javier. De la relação a la comedia: *La desgracia más felice* (1645), de António de Almeida. *Críticón*, vol. 116, p. 63-90, 2012.

SANTIRÓ, Ernest Sánchez; CARRARA, Angelo Alves (orgs.). *Guerra e fiscalidade na Ibero-América latina colonial (séculos XVII-XIX)*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2012.

SANTOS PÉREZ, J. Manuel. Conexiones globales y circulación en la América portuguesa en el periodo de la unión de coronas ibéricas (1580-1640). El renovado interés por el "Brasil hispano". *Revista Paradigma*, vol. 30, n. 3, p. 02-33, 2022. Disponível em: <https://revistas.unaerp.br/paradigma/article/view/2652>. Acesso em: 4 maio. 2023.

SANTOS PÉREZ, J. Manuel; SOUZA, George F. Cabral de (orgs.). *El desafío holandés al dominio ibérico en Brasil en el siglo XVII*. Salamanca, España: Ediciones Universidad de

Salamanca, 2006.

SCHAUB, Jean-Frédéric. *Portugal na monarquia hispânica: 1580-1640*. Lisboa: Livros Horizonte, 2001.

SCHWARTZ, Stuart B. *Los Portugueses y las Antillas: Brasil azucarero y el Gran Caribe. Alternativas, competencias y modelos durante los siglos XVI y XVII*. no prelo.

SCHWARTZ, Stuart B. Panic in the Indies: The Portuguese threat to the Spanish empire, 1640–50. *Colonial Latin American Review*, vol. 2, n. 1-2, p. 165-187, 1993.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, vol. 31, n. 3, p. 735-762, 1997.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Connected history: essays and arguments*. New York: Verso Books, 2022.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Em busca das origens da história global: aula inaugural proferida no Collège de France em 28 de novembro de 2013*.

SUBRAHMANYAM, Sanjay; *O império asiático português 1500-1700: uma história política e económica*. Linda-a-Velha: DIFEL, 1995.

VILA VILAR, Enriqueta. Los asientos portugueses y el contrabando de negros. *Anuario de estudios americanos*, n. 30, p. 557-609, 1973.

VILA VILAR, Enriqueta. *Hispanoamerica y el comercio de esclavos: los asientos portugueses*. Sevilla: Escuela de estudios hispano-americanos, 1977.

WHEAT, David. The first great waves: african provenance zones for the transatlantic slave trade to Cartagena de Indias, 1570-1640. *The Journal of African History*, vol. 52, n. 1, p. 01-22, 2011.

WHEAT, David. *Brasil en el tráfico de esclavos hacia las Antillas, Venezuela y Cartagena de Indias siglos XVI-XVII*. In: Simpósio Temático 9: El trafico de esclavos en el Atlántico ibérico, siglos XVI-XVII. Lima: [s.n.], 2022.

WRIGHT, Irene Aloha. *Nederlandsche zeevaarders op de eilanden in de Caraïbische zee en aan de kust van Columbia en Venezuela gedurende de jaren 1621-1648(9): "documenten hoofdzakelijk uit het Archivo General de Indias te Seville"*. Kemink, 1935. Geraadpleegd op Delpher op 27-09-2023, <https://resolver.kb.nl/resolve?urn=MMKB05:000038084:00009>.

### Notas de autoria

Jéssika de Souza Cabral é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: [jskcabrall@gmail.com](mailto:jskcabrall@gmail.com)

### Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

CABRAL, Jéssika de Souza. Notícias do Brasil em castelhano. *Sæculum – Revista de História*, v. 28, n. 49, p. 08-35, 2022.

**Contribuição de autoria**

Não se aplica

**Financiamento**

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

**Consentimento de uso de imagem**

Não se aplica

**Aprovação de comitê de ética em pesquisa**

Não se aplica

**Licença de uso**

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

**Histórico**

Recebido em 05/05/2023.

Modificações solicitadas em 13/07/2023.

Aprovado em 05/10/2023.